



Todas as tardes, quando vinham da escola, as crianças costumavam ir brincar para o jardim do Gigante.

Era um amplo e belo jardim, com um tapete de relva verde e macia. Aqui e ali, havia lindas flores, como estrelas, e doze pessegueiros que, ao chegar a primavera se cobriam de delicadas flores de rosa-pérola, e no outono se carregavam de deliciosos frutos. Os pássaros pousavam nas árvores e cantavam tão docemente que as crianças interrompiam os seus jogos para os ouvirem.

– Que bem se está aqui! – gritavam umas para as outras.

Um dia, o Gigante regressou. Havia ido visitar o seu amigo, o Ogre da Cornualha, e ficara com ele por sete anos. Passado esse tempo, havia dito tudo o que tinha para dizer, porque a sua conversa era limitada, e decidiu regressar ao seu castelo. Quando chegou, viu as crianças a brincar no seu jardim.



O GIGANTE EGOÍSTA

– O que fazem aqui? – gritou ele com uma voz carrancuda. E as crianças fugiram.

– O meu jardim é só meu – disse o Gigante. – Toda a gente tem de compreender isto e não permitirei que ninguém venha aqui brincar a não ser eu.

Construiu, então, um alto muro a toda a volta e afixou nele o seguinte aviso:

É PROIBIDA A ENTRADA.
PROCEDER-SE-Á CONTRA
OS TRANSGRESSORES.

Era um gigante muito egoísta. As pobres crianças não tinham agora onde brincar. Tentaram fazê-lo na estrada, mas esta estava cheia de poeira e pedras, e não gostaram. Costumavam vaguear à volta do alto muro, depois das aulas, a falar do lindo jardim que este ocultava. «Como éramos felizes lá dentro», diziam umas para as outras.

Chegou, então, a primavera, e por todo o lado havia pequenas flores e passarinhos. Só no jardim do Gigante Egoísta ainda era inverno. Os pássaros não queriam ir lá cantar, porque não havia crianças, e as árvores esqueceram-se de florescer. Um dia, uma linda flor ergueu a cabeça acima da relva, mas quando viu o aviso teve tanta pena das crianças que mergulhou de novo no chão e adormeceu. Os únicos seres felizes eram a Neve e a Geada.

– A Primavera esqueceu-se deste jardim – diziam –, portanto, viveremos aqui todo o ano.

A Neve cobria a relva com o seu manto branco e a Geada prateava todas as árvores. De seguida, convidaram o Vento Norte, e ele veio viver com elas. Andava envolto em peles, e rugia o dia todo pelo jardim, derrubando as chaminés.





O GIGANTE EGOÍSTA

– É um lugar adorável – disse ele. – Devemos convidar, também, o Granizo.

E assim veio o Granizo. Todos os dias, durante três horas, rufava no telhado do castelo, até quebrar a maior parte das telhas, e corria depois pelo jardim, o mais depressa que lhe era possível. Vestia-se de cinzento e o seu hálito era frio como o gelo.

– Não consigo perceber como a primavera vem tão tarde – disse o Gigante Egoísta, enquanto se sentava à janela a olhar o seu jardim coberto de neve. – Espero que o tempo melhore.

Mas a primavera nunca veio, nem o verão. O outono trouxe frutos dourados a todos os jardins, mas ao do gigante não trouxe nenhum. «Ele é muito egoísta», disse. E assim era sempre inverno no jardim do Gigante, e o Vento Norte, e a Gea-

da, e o Granizo, e a Neve dançavam por entre as árvores.

Uma manhã, estava o Gigante ainda deitado, mas já acordado, quando ouviu uma adorável melodia. Soava tão docemente aos seus ouvidos que ele pensou serem os músicos do Rei que por ali passavam. Na verdade, era apenas um pintassilgo que cantava diante da sua janela, mas há tanto tempo que ele não ouvia um pássaro a cantar no seu jardim, que lhe pareceu a melodia mais bonita do mundo. Então, o Granizo deixou de dançar sobre a sua cabeça, o Vento Norte deixou de rugir, e um delicado perfume chegou-lhe, através da janela aberta.

– Creio que a primavera, finalmente, chegou – disse o Gigante; e saltou da cama e espreitou lá para fora.

O que viu ele?

Viu um espetáculo maravilhoso. Por um buraco pequenino no muro, as crianças haviam entrado no jardim, e sentaram-se nos galhos das árvores. Em todas as árvores havia uma criança. E as árvores ficaram tão felizes de terem novamente as crianças consigo, que se cobriram de flores, e agitavam suavemente os seus ramos sobre as cabeças delas. Os pássaros voavam e chilreavam alegremente e as flores espreitavam por entre a relva e riam. Era um espetáculo adorável, apenas num dos cantos era ainda inverno. Era o canto mais afastado do jardim, e nele encontrava-se um rapazinho. Era tão pequeno que não conseguia chegar aos ramos da árvore, e vagueava à sua volta, chorando desconsolado. A pobre árvore continuava coberta de Neve e Geada, e o Vento Norte soprava e rugia à sua volta.